

## António de Oliveira Gomes Jr. – Notas biográficas

**António de Oliveira Gomes Jr.** nasceu em 18 de Janeiro de 1911 (registou-se a 18 de Fevereiro), em Argoncilhe, concelho de Santa Maria da Feira.

O seu pai cedo lhe incutiu – é certo que à custa de alguma disciplina – o gosto pela música. Aos 9 anos, já se levantava bem cedo para aprender as primeiras notas.

Ingressou bastante jovem, graças ao seu talento, na Banda da Guarda Nacional Republicana de Lisboa. Nos primeiros tempos, contava que não lhe foi dada autorização para vestir a respectiva farda – era demasiado «miúdo» para envergar a farda da Guarda.

O seu instrumento de eleição foi o oboé, embora também dominasse o clarinete e o saxofone soprano.

Levava a música muito a sério. Numa ocasião em que se feriu num tendão da mão esquerda, aprendeu a tocar um instrumento de bocal e pistões. Felizmente recuperou.

Numa altura e num meio (quase rural) em que os contactos internacionais – e também o intercâmbio, a troca de experiências e a confrontação criativa entre «escolas» – eram bastante mais raros do que actualmente, o futuro maestro António Gomes teve a faculdade de se destacar dos seus pares: gracejava a esse respeito contando o episódio do maestro convidado (estrangeiro) que, surpreendido com a excepcional qualidade daquele oboísta, quis saber de que «escola» era: a aldeia de Argoncilhe não vinha no mapa de forma que foi a «escola de Paris», naquele momento, que evitou embaraços maiores.



Naquela altura, António Gomes, tal como muitos outros instrumentistas da GNR, era presença habitual, como reforço ou em substituição, nas Orquestras Sinfónicas Nacionais (Emissora Nacional).

Além da música, António Gomes Jr. tinha uma outra grande, senão a maior, paixão: até bastante tarde, sempre se mostrou galanteador e sempre procurou belas companhias femininas. A sua primeira esposa tinha apenas 14 anos (costumes da época). Casou mais que um vez, ao longo da sua vida.

Com algum exagero certamente, mas com algum fundamento – porque «muita modéstia era vaidade», gostava o próprio de lembrar – havia Pablo Casals em Espanha e António Gomes Jr. em Portugal.

A sua passagem como maestro pelas Bandas Filarmónicas, mais que uma passagem, poderá ter sido a actividade em mais sucesso obtive.

Nos anos sessenta, era professor do Conservatório de Musica do Porto e ao mesmo tempo instrumentista na Orquestra da Emissora Nacional do Porto e maestro da Banda da Guarda Republicana do Porto.

Em 1967, depois de alguns anos e muitos sucessos na direcção artística da Banda dos Mineiros do Pejão, Banda de Espinho e da Banda de Vale de Cambra, chega à direcção da Banda de Música da Trofa.

Em 1971 já havia transformado radicalmente uma pequena e anónima Banda naquela que durante largos anos dominou quase sozinha o panorama musical filarmónico do norte do País. Naquele ano, e após desgastantes eliminatórias, a Banda da Trofa alcança o primeiro lugar no II Concurso Nacional de Bandas Cívicas, promovido pela FNAT. A Banda de Revelhe de Fafe, dirigida por um seu ex-aluno do conservatório do Porto, José C. da Silva Gonçalves (Major Gonçalves), após algum batalhar e alguma polémica cujas consequências se prolongariam por décadas, obtém igualdade de pontos. Durante os próximos anos, vai também partilhar a fama de vencedora do concurso, em 'ex-equ' com Banda da Trofa.

A peça obrigatória a concurso era o Arco-Íris, de Duarte Ferreira Pestana, obra ainda hoje fora do alcance interpretativo de agrupamentos com pouco mais de 40 elementos, como era comum na altura.

Como era o Prof. Gomes em discurso directo?

Aqui se reproduz a sua opinião sobre Concursos de Bandas (ainda no rescaldo do Concurso FNAT de 1971), retirada duma entrevista televisiva com Francisco D'Orey, para o programa Inventário Musical, da RTP 1 nos anos 70:

**António Gomes:** *Os concursos têm duas faces: face positiva – que eu considero – e face negativa. Evidentemente que os concursos obrigam uma banda a fazer uma preparação mais cuidada. Portanto, nesse aspecto, ela é positiva porque e as bandas melhoram o seu nível artístico.*

**Francisco D' Orey:** *Evidentemente...*

**A.G.:** *Mas, em contrapartida – a tal parte negativa – cria aborrecimentos...cria inimizades...quando... ao contrário do que a música [tem por vocação fazer]...*

**F.O.:** *Exactamente, a música deveria unir...*

**A.G.:** *Exactamente, como sabe, [é] a vocação da Música... Não há dúvida nenhuma.*

**F.O.:** *Eu tenho reparado nalguns casos, não no seu, mas eu tenho reparado nalguns casos que há umas certas inimizades, uma certa rivalidade, que estão além daquilo que é até positivo, que há um certo tipo de emulação e rivalidade que até é positiva, mas que a partir de certa altura passa a ser guerra...*

**A.G.:** *Não há dúvida nenhuma. Quanto à função da Música e das artes em geral, pois ela será a do poder comunicativo...de aproximação... de confraternização.*



António Gomes Jr. não dirigia para o público. O estilo era o que menos lhe interessava. Era excepcionalmente claro na direcção. A concentração dos músicos nas instruções do maestro durante a execução das obras era máxima, graças a esta característica. O público apenas lhe interessava no fim, no momento das palmas e do reconhecimento. Em relação aos instrumentistas julga-se que é da sua autoria a famosa frase «*não interessa como toca o instrumento, se pela boquilha se pela campânula, o que interessa é que as notas saiam como deve de ser...*».



Era severo, quase até ao desdém, com aqueles que não cumpriam com o que era pedido, quer nos ensaios quer nos concertos. Não era rara a ocasião, durante os ensaios, em que algum músico abandonava a sala de ensaios, sentindo-se vexado e insultado. Apenas havia benevolência e complacência para com os seus próprios alunos, entre os quais se encontrava o modesto autor desta nota biográfica.

Nas palavras do Major Gonçalves, António Gomes foi sempre o «suprasumo» na direcção, o mais capacitado de todos os maestros que conheceu e que, caso fosse vivo, ainda o seria. Nas suas palavras, em entrevista ao site *bandasfilarmônicas.com* em 2004:

*- Possuía qualidades que não se aprendiam nas escolas. Ele conseguia influenciar toda a Banda. Obtinha o domínio total com toda a naturalidade e espontaneidade.*



Esteve entre nós até 1999. Dirigiu superiormente a Banda da Trofa até 1992, passando o testemunho, suavemente, ao seu eleito sucessor.

Adolfo Castro, Trofa, Junho 2008